2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 10. QUINTA FEIRA, 13 DE DEZEMBRO DE 1849. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

A INDUSTRIA NACIONAL E A EXPOSIÇÃO DE 1849.

III

Ferro.

138 Assim como a idolatria fez ajoelhar o povo hebreu ante o bezerro de oiro, não seria para admirar, que as nações modernas, fascinadas pelas maravilhas da industria, se curvassem ante o bezerro de ferro.

A civilisação, desde eras remotas, tem prestado ao ferro uma especie de culto quasi tradiccional. Moysés não ignorou que o trabalho do ferro era uma arte já conhecida no seu tempo. A invenção do martello, da bigorna e das tenazes, foi, pelas idéas mythologicas dos egypcios, attribuida a Vulcano. E com tudo, a historia fabril deste metal foi, por muitos seculos, rude e estacionaria. Entrou na Grecia, onde as artes tanto brilharam, servindo para a sua extracção, não os processos perfeitos que tanto honram os modernos conhecimentos metallurgicos, mas sim as quasi primitivas minas, das quaes ainda ao presente se encontram muitas na Italia, em parte da França e na Hispanha.

Se o mundo antigo deveu ao ferro as suas victorias fabulosas, ao ferro deve a civilisação moderna a prosperidade da agricultura, os feitos gloriosos da industria fabril, e as communicações ou veias que unem as nações e que as enredam por todos os pontos, sendo compostas por essa mesma materia que outrora se trabalhava para brilhar entre povos differentes, e até entre povos irmãos, como signal de exterminio e de desolação.

O ferro que, nas mãos de Alexandre ou de Cesar, era como o pregoeiro da guerra e da morte, nas mãos de Wat e de Arkwnight foi um symbolo de paz e uma esperança de trabalho e de vida para gerações inteiras. Sem ferro e sem combustivel, a industria fabril é uma illusão — um sonho que não póde surgir da redoma em que se esconde o enfesado esforço de despezas loucas. Dae ferro e combustivel ao trabalho do povo, e vereis realisar o phantasiado conto de Orpheu, edificando-se cidades industriaes ao som do ruido confuso das machinas.

Entre centenares de provas, uma nos basta, se duvidaes.

Esse Lancaster, que é ao presente um dos focos da gigantesca industria fabril ingleza, não ha muito que era uma tira de terra estreita, e como que entalada entre o mar da Irlanda e as montanhas do Yorkshire, innundada por quatro rios que a retalhavam; — o seu solo esteril recebia sementes e não dava colheitas, como diz Saint-Germain Leduc; — a pobreza era o patrimonio dos seus habitantes, quando a descoberta e laboração das suas minas de carvão de pedra, os converteu na vanguarda da civilisação. — Depois de tal descoberta os habitantes de Lancaster foram os primeiros que introduziram os canaes, como substituição das communicações de que usavam, bem como tambem foram os primeiros que adoptaram os caminhos de ferro, cabendo-lhes a honra de um escriptor distincto chamar ao seu condado a patria da *mull-jenny* ou da machina de fiar o algodão.

Estas vagas considerações bastam para se perceber, que a industria nacional está dependente do estado em que se appresentar entre nós a industria do ferro. Admittindo como decidida a nossa pobreza mineralogica deste producto, devemos examinar os melhoramentos da mão de obra. É o fabrico e não a exploração do ferro que em Portugal se deve estudar.

A industria do ferro appresentou-se triunfante na Exposição, apezar de que não estava ahi representada completamente, pois que do Porto não veio nem um só producto.

O celebre Mac-Gregor, membro respeitavel do Conselho Privado do Commercio de S. M. Britanica, empallideceria se, na sala da nossa Exposição, o obrigassem a repetir, estas tão injustas palavras do seu decimo quarto Relatorio. « As manufacturas de Portu-« gal limitam-se a alguns lanificios grosseiros e or-« dinarios, a alguns algodões e pannos de linho in-« feriores, da mais baixa qualidade, e mais uns pou-« cos de artigos, rudemente feitos. »

Voltaremos em breve ao Relatorio do Secretario do Conselho do Commercio, mas ao pé desta falsa apreciação, queremos deixar um juiso imparcial de alguns

productos das nossas fundições. E para que os estrangeiros possam calcular, se os esforços dos nossos fabricantes merecem louvor, provaremos que, se não passaram pelo tirocinio da aprendisagem das machinas, que ha mais de quarenta annos custa enormes sacrificios á Inglaterra, á Allemanha e á França, teem vencido, neste e em outros pontos, a falta e a carestia das materias primeiras.

Pondo de parte a importante questão de combustivel, e dando maior valor do que tinham, ás minas de carvão de pedra de S. Pedro da Cova e de Buracas, a nossa riqueza metallurgica é uma das tantas sonhadas esperanças da nossa vida economica, apezar de que vae buscar a sua origem ao reinado de D. Diniz, na lavra do oiro da Adiça, e aos tempos do affortunado D. Manoel e de D. Pedro II, nos ensaios timidos das fabricas de ferro da Machuca, do Prado e da Foz de Alge.

O que ha de importante para a industria metallurgica em trinta e dois annos da historia da nossa administração das minas, é o importante e desconhecido estabelecimento da Foz de Alge. O credito do seu ferro é ainda hoje attestado, por muitos productos, que, apesar de annos passados e de mal cuidados, são susceptiveis de brilharem como aço. Examinada a possibilidade de realisar a extracção pelos methodos mais acreditados, e sendo possivel tornar o Alge navegavel, este ponto importante da nossa vida industrial ficava completamente decidido. Nos trinta e dois annos em que fallamos, o resultado das minas citadas não é muito satisfatorio, ainda que se lhes junte a mina de chumbo de Ventozelo, a de antimonio de Valongo, e a de estanho de Rebordosa, pois que uma conta official, publicada pelo ultimo administrador, o Sr. Barão d'Eschwege, demonstra que a despeza total foi nesse periodo de 604:311$348 réis, sendo a receita da venda dos productos 526:905$949, havendo por tanto um saldo contra a fazenda publica de 77:305$399 réis. E na presenca desta pobreza de ferro, sabei que a sua importação tem progressivamente sido ferida pelos direitos. Não queremos que este reparo sirva de argumento aos que não professam, como nós, a doutrina dos direitos protectores; e por isso mais uma vez lhes declaramos, que defendemos a protecção racional, mas effectiva, e não a absoluta, que, á similhança de Saturno, destroe os seus proprios filhos. Quando a materia primeira se não póde produzir no paiz, franqueae ao mercado a importação estrangeira, e a industria fabril por meio do trabalho e do capital vos augmentará dez ou cem vezes o valor de tal importação.

Infelizmente não são estes os principios economicos, que em Portugal se teem adoptado, e a legislação moderna sobre ferro o vae mostrar.

Na pauta — ferro forjado em barras, varões, verguinha simples e em barra, tinham por direito 100 réis por quintal. Em virtude da lei de 9 de outubro de 1841, este direito foi elevado a 240 réis, e pela lei de 22 de Novembro de 1844 subiu a 360 por quintal! É incontestavel que este direito se oppoz e se oppõe ao desenvolvimento da mais poderosa e indispensavel das nossas industrias. O augmento da importação apezar da elevação do direito, e a baixa no preço do producto, que ao diante mencionaremos, são factos que muito devem esclarecer o governo, para reconhecer que é tão forte a intensidade da procura, que as geraes e urgentes necessidades do consumo parecem contradizer os principios fixos da sciencia economica. Dezejamos a diminuição do direito do ferro, não só para bem da industria, mas tambem para augmento da receita do Thesouro, porque a sua importação ha de augmentar além do que se espera.

Em 1843 a importação foi, numero redondo, de 157:000 quintaes, que pagaram de direitos 39 contos de réis: no anno seguinte a subida do direito, decretado em 1844, fez que a importação se resentisse e diminuiu 68 mil quintaes, diminuindo tambem a somma do direito 7:700$000 réis.

Depois as causas que referimos, esconderam este effeito natural, que não tem deixado de se sentir. — Consta-nos que em 1848 o valor da importação subiu a 338:000$000 réis, e o direito a 80:000$000. Este augmento se prova ainda por uma nota que temos presente, e pela qual se mostra que só em ferragens o valor importado de Inglaterra nos seguintes annos foi:

1842.....	322:000$000
1843.....	356:000$000
1844.....	358:000$000

É mister attender a todos estes factos, quando se julgam as obras das nossas fabricas.

A fabrica do Sr. José Pedro Collares & Filhos, situada no largo do Conde-Barão, n.º 3 A, foi a que maior parte tomou na Exposição em productos de ferro, e pela sua quantidade, variedade, e pela perfeição de muitos, merece as honras de uma mui especial menção, na qual o louvor para não parecer exaggerado, se juntará algumas vezes, ainda que poucas, ás considerações que nos parecerem convenientes para o augmento dos seus antigos e bem merecidos creditos. Uma circumstancia notavel, e que não deixaremos de mencionar, completa a nacionalidade desta fabrica: desde o seu principio, em 1808 até hoje, a direcção e os seus operarios foram sempre portuguezes. Confessamos que não damos a este facto o valor immenso que muitos lhe julgam; mas é uma das partes do seu brazão honroso, que não devemos occultar como fieis chronistas, que pertendemos ser da Industria Nacional. Sabemos que a vinda de operarios estrangeiros é sempre um bem para a industria que nasce, e não nos esquecemos ainda de que a industria franceza deve os seus mais importantes progressos ao bom juizo de Colbert, chamando para a França Van Robois e Hindret, dois fabricantes de panno dos mais accreditados do seu tempo; e chamando tambem para junto de si, apezar de estrangeiros, o mathematico Huyghens, o anatomico Winsolow, o astronomo Cassini e o physico Roëmer, nomes que todos figuram na mais brilhante pagina da industria franceza; — nem tambem nos esquecemos do que a este respeito pensou e praticou o nosso maior e talvez melhor Administrador — o Marquez de Pombal.

Gostamos de louvar, mas sem sacrificio da nossa opinião, e por isso desejamos que o facto de serem tudo mãos portuguezas as que trabalharam em tantos productos appresentados pelo Sr. Collares, lhes augmente o apreço em que devem ser tidos, por-

que a força da rasão, não deve nunca apagar o fogo santo e respeitavel do patriotismo. A maioria dos productos desta fabrica diz respeito á agricultura, e na posição do nosso paiz, é isto mais um motivo para que nos interessemos pela sua prosperidade, e pelo justo elogio que deve premiar o zelo e intelligencia dos seus directores.

Os productos principaes da fabrica do Sr Collares são machinas de destillação: — e por este lado são de maxima importancia os serviços prestados por estes fabricantes á facilidade da queima dos nossos vinhos. Consta-nos que até ao presente tem fabricado 236 de taes machinas, podendo algumas dellas destillar 63 pipas de vinho em cada 24 horas de trabalho. A maior parte foi construida para a destillação de 20 pipas por 24 horas.

Sem privilegio algum, e por esforço do trabalho proprio, o Sr. Collares acreditou em todo o paiz as suas machinas de destillação por tal arte, que estas excluiram do mercado as machinas francezas que já não concorrem com as suas, porque se não importam.

Para assegurar a permanencia deste resultado, a fabrica diminuiu, ha pouco, de 15 por cento o preço das machinas de destillação, sem lhes diminuir em nada a sua reconhecida solidez, o que examinámos, comparando as machinas que vieram á Exposição, fabricadas para se venderem pelos novos preços, com outras feitas ha mais tempo. As machinas de destillação que fizeram parte da Exposição foram duas — uma de destillação continua composta, e a outra portatil e independente de agua.

O systema geral da construcção da primeira é conhecido, e não appresenta novidade: — mas o que nos mereceu muita attenção é o modo como as peças estão collocadas, dando tal disposição em resultado uma simplicidade que muito ha de facilitar o trabalho dos operarios que as usarem; e por este lado achamos que a machina appresenta um melhoramento importante.

A machina portatil é da mesma simplicidade da antecedente. Na base technica não apresenta alguma differença: parece-nos bem imaginada a collocação da caldeira; são importantes as vantagens, que offerece á agricultura, a faculdade de transporte desta machina que vae sem custo queimar o vinho onde esteja guardado.

Antes de continuarmos a fallar das machinas com applicação directa á agricultura, fallemos da machina de vapor que o Sr. Collares appresenta, e que era destinada para um grande predio rural fóra de Lisboa.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

(*Continúa*).

TROMBETA ACUSTICA.

139 M. Sudre appresentou á Assembléa legislativa franceza um requerimento, pedindo que a Assembléa ordenasse ao governo daquella nação, que mandasse examinar uma descoberta, que elle havia feito, por meio da qual se podiam transmittir promptamente ordem, ou dar signaes durante grandes nevoeiros, ou durante as noites: a esta descoberta poz o seu auctor o nome de trombeta acustica, e pede pela cessão do seu invento ao governo a somma de oito contos de réis. * *

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Discurso de abertura da cadeira de philosophia racional e moral do Lyceo de Lisboa (secção occidental) recitado pelo oppositor da faculdade de philosophia, Manuel dos Santos Pereira Jardim, no dia 5 de Novembro.

(*Continuado de pag.* 100.)

140 O fim que nos propomos tocar é o conhecimento da philosophia do seculo XIX. Pelo que respeita ao rumo, algumas reflexões nol-o vão indicar.

É conveniente, antes de nos aventurarmos no mar agitado das opiniões dos nossos dias, saber se todos os problemas que a intelligencia humana póde propôr, teem sido enunciados e resolvidos, e qual a fórma que teem tomado nos differentes seculos.

O nosso resume a civilisação dos anteriores e vae-lhe muito além. Assim devia ser. Turgot dizia, no fim do seculo passado, que em quanto os animaes e as plantas se reproduzem com uma inalteravel uniformidade, os homens vão-se melhorando em saber e moralidade. De caçadores tornaram-se pastores, depois agricultores, etc. etc., no que se mostra a marcha progressiva da humanidade, considerada como um ser unico: idéa tambem proclamada por Condorcet na Encyclopedia. Ora tanto mais a humanidade caminha quanto mais reconhece a necessidade do util, do justo e do bello. A experiencia de um só individuo e de um só seculo seriam insuficientes para o cumprimento destes desejos. A curta vida do homem, élo da cadêa por meio do qual se perpetua a especie, no meio da destruição individual, seria de um valor infinitamente poqueno, se elle não se ajudasse da experiencia e das idéas dos que o teem precedido; isto é, se elle não recorresse á historia. Mas, para aproveitar as idéas das gerações que passaram, é necessario fazer um caminho tão longo e tão dificil, que certamente o abandonariamos se no meio destes trabalhos não houvesse prazeres que os compensassem.

A idéa de se tornar contemporaneo dos grandes homens, o prazer de ouvir com o povo grego a divina eloquencia de Demonsthenes, a Socrates nas praças, a Platão na academia, a Aristoteles no lyceu, é para o homem, que deseja instruir-se, compensação em demasia das mais penosas fadigas. Por outro lado a sua existencia parece alongar-se, quando, por meio da historia, vive entre todas as nações e assiste ao espectaculo de todo o mundo (1).

Outras rasões, de não menos pêso, aconselham ainda este rumo; e são, que da mesma maneira que o viajante aprende a historia dos naufragios para os evitar, o philosopho deve conhecer os escolhos em que naufragaram os que o precederam, para seguir viagem por mar de bom fundo e menos arriscada. De mais, a philosophia de um seculo tem a sua origem nos seculos anteriores, quer dizer, que a philosophia, como as familias, teem uma genealogia, que importa muito estudar, para bem conhecer a obrigação que os seculos legam uns aos outros, e examinar se esses legados se cumpriram ou se tendem a cumprir-se.

(1) Cantu, Introducção á Historia Universal.

A historia, pois, da philosophia é a primeira necessidade de um curso de philosophia.

Eu sei, Senhores, que se póde objectar a este methodo de ensino, que tendo cada systema philosophico sua psycologia, ontologia, sua methaphisica e logica, e não se sabendo cada um destes tractados, mal se póde intender a historia da philosophia.

A objecção não é tão forte como parece á primeira vista, por quanto, tractados completos de psycologia, ontologia, etc., só apparecem na restauração das lettras, depois de Bacon e Descartes: até estes philosophos, a philosophia, com diversas fortunas, nunca chegou a um systema regular, como nós o intendemos hoje. De mais, eu não pertendo aqui fazer um curso completo da historia da philosophia, mas sim um resumo, no qual vos mostre o desenvolvimento que o espirito humano teve atravez dos seculos: como elle girou, á similhança da terra em roda do sol donde provém as estações, dando-nos o *sensualismo*, o *idealismo*, o *scepticismo* e o *mysticismo*, até ao seculo XIX, em que tomou um caracter novo.

Além disto, a philosophia não póde e não deve ser ensinada da mesma maneira que o tem sido até hoje. As nações mais illustradas da Europa escrevem politica, legislação e sciencias com a philosophia allemã. A nós, que somos alguma coisa do passado das outras nações, cumpre-nos conhecel-a para intender os seus livros.

Foi uma falta, que commetteu a reforma de 1844, creando na universidade uma cadeira de lingua allemã, não crear outra de historia da philosophia principalmente allemã. Assimilhou-se nisto áquelle mestre, que só fez conhecer as lettras ao discipulo, passando-o logo a lêr por alto, sem o ensinar, a formar e reunir as syllabas. Não se segue daqui que eu pertenda, nesta aula, instruir-vos na philosophia do povo mais pensador da Europa; mas segue-se, sim, que deveis sabel-a, e que me cumpre iniciar-vos nella. O tempo, a edade, e os vossos estudos farão o resto.

Em fim, Senhores, principiando o nosso curso pela historia da philosophia, ensino-vo-la, como ma ensinaram e se tem ensinado na universidade; e em sciencia e methodo, a nossa universidade é auctoridade de muito pezo.

A historia da philosophia — « são as opiniões con-« cebidas pelos philosophos, sobre os fundamentos e « a legitimidade dos conhecimentos humanos, sobre « os methodos que formaram para ordenar e estabe-« lecer a sua demonstração (1). » No seu estudo deve seguir-se o mesmo processo que se empregou nas differentes épochas em estudar e escrever a historia geral.

Estes são — o primitivo, o reflectido e o philosophico. Daqui tres differentes phases em que se nos mostra a historia. No primeiro genero escreveram Herodoto e Thucidides. Tudo nelles é quadro sem doutrina, sem reflexão alguma. São tradições conservadas debaixo da fórma poetica, transmittidas com todos os erros, sem connexação de causas e effeitos. É assim que na sua estrêa se nos mostra a historia em todos os povos, excepto naquelles a quem foi dictada por Deus mesmo (2).

(1) Beauvais.
(2) Cantu Intr. á Hist. Univ.

Na declinação do imperio romano só appareceram abreviadores; e quando este, senhor do mundo então conhecido, succumbiu pela desordem dos costumes internos, e pelas successivas invasões dos barbaros, as lettras, no Occidente, refugiaram-se nos claustros; e alli somente se registaram os factos que lhes diziam respeito, e cujas causas e consequencias lhes eram estranhas. Tanta era a ignorancia dessas épochas.

O segundo methodo é o reflectido: é a applicação do raciocinio á historia.

Neste segundo periodo succedeu, que os historiadores substituiram os factos, que são a eterna linguagem de Deus, pelas opiniões, e linguagem ephemera dos homens (3).

Machiavel foi o primeiro que applicou o seu espirito a procurar causas remotas aos acontecimentos. Seguiram-se-lhe no seculo XVII e XVIII os philosophos, que hoje são conhecidos pelo nome de encyclopedistas.

Estes homens reuniram na Encyclopedia todos os conhecimentos daquella épocha, que foi uma bem pequena compensação aos grandes males que causaram á humanidade. Serviram-se da ideologia para, á força de abstracções, deslocarem tudo do dominio da realidade. Bem vedes que vos quero fallar de D'Alembert, Raynal, Diderot, Voltaire, Condorcet, etc.

Então a historia, abandonada do espirito de Deus, era uma grande conspiração contra a verdade, mas, levada que foi aos extremos, a Providencia, cujos misterios são insondaveis, fez com que os mesmos extremos aproveitassem á humanidade.

Nestas circumstancias appareceu outra eschóla com tendencias inteiramente novas e inexploradas.

A gloria desta descoberta é devida a Kant. Fez vêr a possibilidade de escrever uma historia geral, em que a especie humana fosse considerada como o complemento de um desejo misterioso da natureza. Estas idéas são hoje seguidas pelo mundo illustrado. Professa-as a França (4), a Belgica (5) e toda a Allemanha, que é a sua patria. Com ellas as sociedades politicas querem regenerar-se.

Este methodo, que é o da historia philosophica, professa que é a rasão, e não o acaso, que governa o mundo, e quer saber se a historia tem seguido, se segue e se seguirá, uma marcha racional, conforme á naturesa humana e ao espirito universal que respira em todos os seres. Parte do principio que o homem e a humanidade são chamados a realisar, na superficie da terra, um destino marcado pela Providencia, e quer saber se elle tocará este fim, e que caminho tem feito para elle.

É debaixo deste ponto de vista que eu me propunha ensinar-vos a historia da philosophia, porque só deste modo ella póde ser proveitosa.

Com algumas licções theoricas, sobre a philosophia da historia, pertendia eu abrir-vos este curso; mas este meu proposito morreu ao ver-vos, tenras plantas, sem robustez necessaria para receberdes esta tão solida nutrição.

(3) Cantu, Intr. á Hist. Univ.
(4) Os Socialistas.
(5) Altemeyer, Areus

Tomarei um termo medio entre esse velho caminho, já arruinado pelo continuo transito, e de bem pouca utilidade hoje, em que a philosophia das sciencias, phisicas e moraes, é toda nova entre nós, e o plano que tinha adoptado antes de vêr-vos. Posso porém assegurar-vos, que a necessidade de reformar esta cadeira, é conhecida pela primeira corporação scientifica do reino, e que eu mesmo fui encarregado, pelo Conselho Superior de Instrucção, de organisar um programma, sobre o methodo de ensino da philosophia racional e moral, de maneira a satisfazer as necessidades do seculo e a uniformisar este ensino em todas as eschólas nacionaes.

A philosophia ou ha-de passar para a universidade, deixando nos lyceus as regras de logica, como o quer Timon (1), e ser alli preparatorio obrigado para todas as faculdades, ou havemos de uma vez para sempre desistir da esperança de acompanhar as nações civilisadas no seu progresso scientifico.

Não vos esqueçaes, Senhores, que fallâmos debaixo das abobadas de Santa Maria de Belem, levantadas para eternisar uma das maiores glorias do povo portuguez, e á qual o talento levantou ainda maior monumento.

Deus permitta que nos possuamos dos sentimentos nobres e altamente religiosos que elles inspiram; e sejam estes novos estimulos para principiardes a vossa carreira litteraria, e nella dardes á patria monumentos litterarios, em troca desses de pedra que se derribam.

MANUEL DOS SANTOS PEREIRA JARDIM.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO V.

Scenas de corte.

141 Deixemos agora Francisco d'Albuquerque e os seus companheiros esperar com toda a população de Lisboa pelo desembarque da nova Rainha, e acompanhemos o Infante e o Conde de Castello-Melhor ao quarto d'El-Rei.

Quando o porteiro abriu a porta da antecamara, estava Sua Magestade assentada no meio da caza, atirando ao ar uma bóla de marfim, que esperava, com os olhos fitos e as orelhas direitas, um enorme lebreu inglez.

Affonso VI tinha vestida uma larga tunica vermelha, e na cabeça uma gorra da mesma côr; vestuario este que deixava bem patente a sua excessiva gordura. O rosto pallido do Rei daria logo a conhecer a qualquer physionomista a imbecilidade e fraquesa do seu espirito. O labio inferior grosso e descaído, os olhos azues e desanimados, os cabellos de um loiro pallido soltos sobre os hombros, o ventre proeminente, uma ligeira desegualdade na altura do hombro direito e a do esquerdo, faziam deste monarcha, que apenas contava vinte e tres annos, um ente repugnante, apezar de não ser disforme nem mesmo feio.

Em pé, no extremo da sala, estavam dois homens. Um, que pelos vestidos se via ser nobre, era Henrique Henriquez de Miranda, cuja physionomia grosseira lhe revelava a baixesa da alma. Este homem, que El-Rei fizera Tenente-General da artilheria do reino, possuia um espirito sagaz e ousado, e alcançára o favor de seu amo sendo, desde o dia em que elle tomou posse da coroa, o agente secreto de suas escandalosas devassidões. O outro era um guarda dos cães chamado João, a quem o Rei confiava os seus lebreus mais estimados.

A bulha da porta, que se abriu, fez voltar a cabeça ao Rei, que, vendo seu irmão e o Castello-Melhor, se levantou e caminhou para elles arrastando ligeiramente a perna direita, defeito que lhe ficara de uma paralysia que teve, quando apenas contava tres annos.

— Ah! És tu — disse elle vendo o Infante, — Vens pedir-me outra vez os gentis-homens? Vens-me importunar com as tuas exigencias?

— Venho para acompanhar a V. M. — respondeu o Infante.

— Para me acompanhar!

O conde de Castello-Melhor, beijando a mão a D. Affonso, appresentou-lhe então a carta que para elle trouxera da Rainha.

— A Rainha, nossa senhora, espera por V. M., para desembarcar — disse o Conde.

— Já ahi está! e não se encontrou com a esquadra hispanhola! — exclamou El-Rei, pegando na carta e deitando-a sobre uma meza sem a abrir.

— Felizmente — redarguiu o Conde — a esquadra hispanhola foi afugentada da nossa costa pela esquadra do duque de Beaufort; e Sua Magestade chegou, sem soffrer mais do que os incommodos do mar, que nem sempre lhe foi bonançoso na viagem.

— Conseguiram o seu fim! — bradou El-Rei — estou cazado, já não tem remedio! E tu — continuou elle, voltando-se para D. Pedro — tu ficas solteiro, livre! Ainda teimas em não te cazar?

(1) Timon, Instrucção secundaria.

— Já disse a V. M. — respondeu o Infante — que me não devo. . . , que me não hei-de cazar com Mademoiselle de Bouillon. Póde-me V. M. castigar, como meu rei e senhor que é, mas obrigar-me a cazar, isso não: porque só por vontade propria se deve contrahir matrimonio.

Esta resposta de Sua Alteza fez subir o sangue ao rosto do rei. Cheio de cholera, Affonso VI bradou: — Não queres, não queres! Pois mandar-te-hei metter n'uma torre, donde não sairás mais.

O cão, que não tinha despregado os olhos de seu dono e lhe seguia os passos, ouvindo-o levantar a voz, e vendo-o furioso de cholera, pozse a ladrar estrondosamente. El-Rei fez caír sobre elle a sua raiva.

—Cala-te, Valente, cala-te — disse elle, dando-lhe com um chicote — Vae-te, vae-te daqui já!

Reparando nesse instante em João, o guarda dos cães, que estava immovel á porta da sala, D. Affonso correu para elle, e dando-lhe tambem com o chicote:

— Que fazes aqui? — proseguiu no mesmo accesso de furor — Estás a ouvir o que se diz, villão?

João, a esta apostrophe, fugiu atraz do seu amigo Valente, para escapar á cholera e ao chicote de El-Rei.

Depois de ter feito fugir as suas duas victimas, Affonso VI parou no meio da sala, e atirando com o chicote ao chão, voltou-se de novo para o Infante, bradando: — Não te queres cazar? Faltas ás tuas promessas? Pois tambem eu hei-de faltar ás minhas. Não has-de ter a caza de Bragança; nem os gentis-homens; nem coisa alguma do que me pedires. Queres ser rei aqui e ter uma côrte? . . . o rei sou eu, Pedro, sou eu, e não tu. Nossa mãe morreu, Pedro; e agora não receio que ella me tire a coroa, para ta dar a ti. Acabaram já aquellas conspirações em que andava a côrte no tempo da rainha: e assim hão-de acabar todas as que apparecerem para o futuro! — Foste tu, Conde: — proseguiu El-Rei voltando-se para o Castello-Melhor com brandura, e intimidade — foste tu que me salvaste. Se me não ajudasses, se não fosse a tua fidelidade, estaria eu a esta hora n'um convento. . . e Pedro seria o rei!

Nestas palavras Affonso VI referia-se ao projecto que se dizia tivera sua mãe quando era regente, de fazer subir ao throno o Infante em vez delle; e que fôra o motivo da sua fugida do Paço para Alcantara, logo depois da prizão do Conti, e da sua acclamação feita contra a vontade da Rainha, que por essa occasião perdeu o poder por ella tantos annos ambicionado.

O Infante estava pallido e tremulo de cholera, que apenas podia abafar no coração, que lhe pulava no peito. Approximou-se de seu irmão e, dobrando o joelho, disse-lhe com a voz suffocada:

— Peço licença a V. M. para me retirar da côrte, logo que tiverem acabado estas festas do casamento.

— Podes-te ir — respondeu El-Rei — podes-te ir quando quizeres.

Depois de dizer estas palavras El-Rei saíu da sala, acompanhado do Conde de Castello-Melhor e de Henrique Henriquez, aos quaes ordenou com um gesto que o seguissem.

O Infante ficou só, agitado e perplexo entre a cholera, que lhe aconselhava o saír immediatamente da côrte, e o vivo dezejo que sentia de vêr a rainha, cujo retrato lhe causára uma profunda impressão. Saíu da antecamara e foi direito á sala onde estava D. Rodrigo de Menezes. Apenas entrou na caza onde o esperava o seu estribeiro-mór, chamou-o para o vão de uma janella, e contou-lhe rapidamente quanto se havia passado.

— V. A. deve ter paciencia: callar e esperar, é a grande maxima dos que dezejam vencer, — disse o sagaz conselheiro, buscando acalmar a cholera do Infante. — As intrigas do favorito, desse ambicioso Castello-Melhor, teem indisposto El-Rei contra V. A.; porém essas intrigas não o poem mesmo em risco de perder a batalha. As forças são deseguaes. V. A. tem por si o nome e a posição: é filho do Sr. D. João IV de saudosa memoria: elle tem só a intriga, a ousadia, e o favor de Sua Magestade, que ámanhã o póde abandonar, e entregar talvez nas nossas mãos. É preciso ter paciencia. Não convem de modo algum que V. A. deixe de ir hoje cumprimentar a Rainha, nossa senhora; esteja V. A. certo de que Sua Magestade ha de reconhecer em breve, que é do seu interesse o apartar o Conde do lado de El-Rei; porque sem isso nunca ella poderá ter sobre o animo do Sr. D. Affonso a influencia que convem á sua posição. Não me parece com tudo que V. A. se deva mostrar indiferente ás offensas que lhe foram feitas — proseguiu D. Rodrigo: — pelo contrario

depois da entrada solemne da Rainha, nossa senhora, na côrte, que terá provavelmente logar daqui a uns vinte dias, será bom que V. A. se ausente, para a sua quinta de Queluz; para provar assim ao favorito, que está na resolução de combater com dignidade, as intrigas e as insolencias, com que elle ousa offender um irmão do seu Rei.

O Infante escutou os conselhos do seu estribeiro-mór, como se foram um oraculo; e, decidido a seguil-os em todo o ponto, ía logo voltar para a ante-camara de El-Rei, quando entrou na sala o Conde de Castello-Melhor, extraordinariamente pallido.

O Infante perguntou-lhe a causa do desasocego em que vinha, e da demora de Sua Magestade; e o Conde, procurando em vão esconder n'um sorriso de cortezão a dolorosa expressão da sua physionomia, respondeu-lhe « que Sua Magestade tinha saído n'uma liteira, para ir ao convento de S. Antonio dos Capuchos, ganhar o jubileu da Porciuncula. »

Este acto de El-Rei, de inexplicavel loucura, produziu uma desagradavel impressão no Infante e nos seus dois camaristas, D. Rodrigo e Christovam d'Almada. Todos ficaram silenciosos; e pouco depois Sua Alteza, approximando-se da parede em que estava pendurado o retrato da nova rainha, poz-se a contemplal-o, e ficou em breve por tal modo absorvido n'aquella comtemplação, que se esqueceu inteiramente dos objectos que o cercavam.

Só depois do meio dia é que El-Rei regressou do seu devoto, mas extemporaneo passeio; e foi então que começou a vestir-se para ir receber sua esposa. O Conde de Castello Melhor tinha voltado para junto da rainha; a nobreza e o povo, cançados de esperar, manifestavam em palavras descompostas a sua justa impaciencia.

Já o sol declinava ha muito sobre o horisonte, quando Affonso VI, seguido da sua côrte, se encaminhou para o cáes, onde o esperava o bergantim real. El-Rei vestíra uma casaca coberta de tão relevada e grossa bordadura, que se não conhecia de que droga era feita; o espadim era todo oiro e diamantes, e o chapéu, ricamente acairelado e ornado de plumas, tinha presa a aba por um broche de pedras preciosas.

O bergantim em que entrou Affonso VI, acompanhado do Infante e dos conselheiros de estado, era todo adornado de muitos e elegantes entalhes de oiro e marfim: cobria-o um toldo de brocado carmesim, recamado e franjado de oiro e prata; e tinha á pôpa duas magnificas cadeiras de velludo, uma destinada para El-Rei, outra para a Rainha, e um escabello para nelle se assentar Sua Alteza.

O bergantim real era seguido pelo do Infante em que íam D. Rodrigo de Menezes e Christovão d'Almada; e atraz deste vogavam doze falúas, umas com fidalgos, outras com bandas de musica. Os remeiros do bergantim real íam vestidos de damasco carmesim com passamanes de oiro; e os das outras embarcações levavam as côres da libré dos fidalgos a que pertenciam.

Logo que o bergantim real se affastou da praia, os navios e as fortalezas começaram a atroar os ares com salvas de artilheria; e o povo, que estava apinhado nas praias e nas embarcações, que cortavam as aguas do Tejo em todos os sentidos, rompeu em estrondosos vivas.

El-Rei durante o transito do cáes do Terreiro do Paço á náu capitania, que estava ancorada defronte da ponte da Junqueira, não abriu a bocca para pronunciar uma unica palavra. Só quando, amarrado o bergantim ás escadas doiradas da nau, o Marquez de Sande, — a quem tinha sido encarregado o negocio do casamento, e que acompanhára de França a Rainha, — lhe veio ajoelhar aos pés, e beijar-lhe a mão, é que Sua Magestade saíu do estado de silencioso torpôr em que até alli se tinha conservado.

O bispo de Laon, que o marquez appresentou a El-Rei, podia considerar-se como o typo do *abbade* daquelle tempo. O abbade d'Estrées, bispo de Laon, era moço e o seu nome tornára-se celebre na côrte de França, e figurava, como o do famoso M. de Lauzun, na lista dos grandes conquistadores de corações femininos. D. Affonso VI pagou os exagerados cumprimentos do gentil bispo com algumas palavras seccas, que o Marquez de Sande, interprete nesta occasião, tradusiu em francez, tornando-as comtudo o mais amenas que lhe foi possivel.

Depois desta appresentação, El-Rei encaminhou-se para a escada da nau, em cujo primeiro degrau o esperava o Marquez de Ruvigni, general da armada franceza, que condusíra a Rainha. Das escadas á camara formavam alas a infanteria franceza, e os soldados do Conde de Maré, que vinham servir no exercito de Portugal, e a quem o seu chefe tinha dado por uniforme casacas verdes com passamanes de prata.

Na camara, ricamente adornada, a Rainha

esperava seu real esposo, tendo junto de si as suas duas damas, as Marquezas de Puy e Castello Melhor.

D. Maria Francisca Izabel de Saboya era graciosa na figura e no gesto; não tinha grande belleza, mas animava-lhe a physionomia uma extraordinaria vivacidade e expressão. A abundancia dos seus cabellos loiros e annelados exagerava ainda a sensivel desproporção que existia entre a cabeça bastante grande e o corpo pequeno e delgado; desproporção esta, que apezar de pequena, se podia considerar como grave defeito n'uma princeza que julgava ter distincto logar entre as mais bellas da Europa. A Rainha, para aquella occasião solemne, vestíra um *justilho* de tal modo degotado, que lhe deixava quasi o seio todo descoberto; este *justilho* estava tão escondido pelo *peitilho* de diamantes, e pelos bordados de oiro, que fôra difficil saber-se de que era feito. As duas sáias, que se prendiam no *justilho*, uma de preciosa seda de lavores, outra de *brocado alto* branco aberta pela frente, — a que se dava o nome de *roupa*, por arrastar pelo chão uma immensa cauda, — estavam extraordinariamente tufadas pelo *guardainfante* (*) sobre que assentavam.

Quando Affonso VI entrou na camara, em que o esperava a rainha, esta levantou-se para o receber; e, fazendo-lhe uma mesura graciosa e compassada, esperou de pé que elle lhe fizesse os cumprimentos do estylo, e lhe offerecesse, sobre um throno que alli se achava armado, uma cadeira ao lado da sua.

Os olhos da gentil rainha, que apenas se tinham fixado um instante em seu real esposo, voltaram-se curiosos para o Infante; e tornaram-se radiantes ao vêr essa figura nobre e magestosa, esse rosto trigueiro mas bello, que tão singularmente contrastava com o rosto e figura de El-Rei seu irmão.

O Infante quiz ajoelhar para lhe beijar a mão, porém não o consentiu a rainha. Quando os labios de D. Pedro tocaram a mão branca e admiravelmente modelada da graciosa princeza, ambos estremeceram, e uma ligeira pallidez passou por um instante sobre o rosto de Sua Alteza.

Todos os fidalgos que se achavam presentes áquella cerimonia, beijaram a mão á nova rainha. Depois El-Rei, tomando-a pela mão, condusiu-a ao bergantim, onde entraram só Suas Magestades, o Infante e as duas marquezas de Puy e de Castello-Melhor.

Quando o bergantim real começou a vogar para a praia, novas salvas dea rtilheria e de mosquetaria e estrondosos vivas retumbaram nos montes que cercam a magnifica bacia, em que o Tejo se alarga defronte de Lisboa, antes de se lançar no Oceano. Os vivas e as salvas continuaram até o bergantim chegar á ponte da Junqueira, onde Suas Magestades desembarcaram.

Um coche de velludo carmesim, bordado e franjado de oiro, por dentro e por fóra, puxado por oito cavallos brancos, ferrados de prata e enfeitados, nas clinas e nos rabos, com fitas vermelhas, esperava pelos reaes consortes. As guarnições do coche eram todas doiradas, os tirantes de seda e oiro: a libré dos cocheiros e lacaios vermelha, com passamanes de azul e prata franjada. A familia real entrou no formoso coche, que logo se poz a caminhar para Alcantara, seguido dos coches e liteiras que levavam a nobresa da corte.

O cortejo parou á porta da egreja do convento das freiras da ordem de S. Francisco, que ficava proximo ao palacio de Alcantara. A egreja estava sumptuosamente ornada: cortinas de velludo e brocado, e preciosos lós vermelhos bordados de palmas de oiro, cobriam as paredes e se curvavam em pregas e festões graciosos. Luzes sem conto ardiam sobre os altares, e faziam scintillar as pedras preciosas com que estavam profusamente enriquecidos os vestidos das damas da corte, que esperavam pela rainha. A fragrancia das flores, e a harmonia magestosa dos cantos religiosos, que as freiras entoavam no côro, completavam as maravilhas do templo, em que o bispo de Targa, capellão-mór, ía lançar a bençam nupcial aos reaes noivos.

Á chegada de Suas Magestades os musicos da camara romperam n'um hymno brilhante, e os padres vieram á porta recebel-os debaixo do palio. El-rei, dando a direita a sua esposa, foi ajoelhar n'uma das almofadas que estavam collocadas sobre os degráus do altar: a côrte ajoelhou tambem; e todos se recolheram em oração até ao fim da cerimonia religiosa. Acabada ella, a côrte tornou a entrar nos coches, e o cortejo encaminhou-se para a porta do palacio de Alcantara, que estava brilhantemente illuminado.

Durante toda a cerimonia e lenta marcha da

(*) Armação de arcos de ferro, cobertos de fita, que servia para tufar as sáias. Os *guardainfantes* começavam por esta épocha a uzar-se na côrte de França; e foram inventados pela celebre Madame de Montespan.

Junqueira a Alcantara, os dois reaes esposos não disseram um ao outro uma unica palavra: nem era possivel que a dissessem, porque El-Rei não intendia o francez, e a Rainha mal começára a estudar o hispanhol com a celebre Madame Scarron (depois Madame de Maintenon), que ella quizera trazer comsigo para Portugal, mas que mais altos destinos detiveram na côrte de Luiz XIV. Só os olhos do Infante fallaram em todo aquelle tempo; e nem sempre as frazes apaixonadas que elles disseram ficaram sem resposta.

As salas do palacio de Alcantara estavam ornadas com riqueza, e profusamente illuminadas por candelabros de prata e de oiro.

O Infante e parte da côrte acompanharam a Rainha até á segunda ante-camara. Ahi Sua Alteza lhe beijou segunda vez a mão, e despedindo-se com algumas frazes balbuciadas apenas, mas que revelavam a agitação de um espirito profundamente impressionado, deixou El-Rei só com sua esposa e as damas que haviam sido nomeadas para a servirem, e fazerem parte da sua caza. D. Pedro saíu logo do palacio, e foi alojar-se na quinta de Luiz Cezar de Menezes, que ficava perto e estava preparada para o receber.

El-rei, depois de conduzir a Rainha ao quarto, deixou-a entregue ás suas damas, e foi desabafar com os favoritos as maguas daquelle dia, que para elle fôra um dia de martirio.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continuar-se-ha.)

ZILLA.

Romance.

(Continuado de pag. 91.)

XXIV.

142 — Correndo vae já distante;
Na espessura do arvoredo
Vae a entrar, quando presente
Um cavallo a galopar;
Tremendo pergunta a medo
Ao guia se é tempo ainda
De outra direcção tomar;
Mal pergunta, — frente a frente
Vê de si um cavalleiro
Que o caminho lhe retem.
Solta a voz — ao escutal-a
Arranca a donzella um ai
De ventura, e dôr travado;
Cortando-lhe o pranto a falla;
Entre os braços d'elle cáe
Sem alento, inanimada.

— Era elle — o querido amante.
Oh! quem podéra contar
O incanto desse instante,
Que juntava duas vidas
N'uma só alma casadas;
Que Deus tinha feito unidas,
E que a sorte separadas
Por longo tempo tivera.
Quem esse arfar anhelante
Do peito por mil affectos
Vivo revelar podéra?
A mãe que o filho innocente
Julgou morto, e outra vez
Em seus braços vivo o sente,
Essa sim, — essa o soubera.

— » Zilla querida! » — a voz cortada
Mais não póde pronunciar.
No ardor de fervidos beijos,
No longo, e estreito abraçar,
Disse o que ella não dissera.

Depois a gentil donzella,
Desprendendo-se mol'mente
Dos braços delle, — soltou,
Estas fallas docemente:

— » Oh! vem: fujamos d'aqui! —
Vingança... que importa agora!
Não me tens ao pé de ti,
Não sou tua nesta hora?!
— Quem sabe!.. agoirada estrella
Presinto que se alevanta,
Para nós, se proseguires
Em tirar *delle* vingança. —
— Oh! talvez que venha ella
Manchar de sangue a esperança
Que tão verde nos acena! —

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

— Vem, vem, que me importa agora
Tudo quanto padeci,
Se és todo meu nesta hora
E se eu vivo só por ti!...

———

Doce, e lenta era a expressão
Com que a moira proferíra
Aquelle por ti. — Saudosa,
Como a harmonia que expira
Sabre as cordas do alaude,
Deixou descaír a fronte
Entre as mãos delle amorosa.
Nesse instante a luz da lua
Que assomava no horizonte,
Reflectia os frouxos raios
Naquella incantada imagem.
Contemplava-a o moiro assim,
Nos cabellos enredada
Agitados pela aragem
E a seus pés quasi prostrada.
— Talvez que naquelle instante
Julgasse vêr a seu lado
O anjo da paz rogando
O perdão, e esquecimento
Do que o havia afrontado.

———

— Partamos — disse ella; então
Como de salto acordando,
O cavalleiro apertou
A innocente ao coração,
Que lhe batia agitado:
— Partir, — disse elle, cortando
Um suspiro doloroso
Que do peito lhe saíra:
— Partiremos.....

XXV.

— E monta de um salto.
Largando a galope
Transpõe a espessura
Do extenso arvoredo.
No oiteiro mais alto
Avista no tope,
Que incerto fulgura,
De espadas o brilho.
A um signal dado
Dois vultos correram
Pelo estreito trilho,
Que ao valle descia.
Chegando ao pé delle
Palavras trocaram;
E a nobre donzella
Comsigo levaram.

R. A. DE BULHÃO PATO.

(Concluir-se-ha.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

4 de Dezembro.

DIARIO N.° 286.

143 Auto de amortisação feito pela Junta do Credito de 70:000$800 réis para amortisação das notas do Banco de Lisboa.

Notas amortisadas até 3 de Novembro de 1846	1.857:519$600
Notas amortisadas em 3 do corrente.....	70:000$600
	1.927:520$400
Existentes.....	3.072:479$600

NECROLOGIA.

Dum loquimur fugerit invida ætas
Carpe diem quam minima credula postero.
Horacio.

144 Falta-nos o animo, cahe-nos a penna da mão ao escrevermos estas linhas, mas não queremos faltar ao ultimo tributo de respeito e amizade á memoria de uma pessoa que tão cara nos foi, e que por isso tanta saudade nos deve.

A Exm.ª Sr.ª D. Marianna de Almeida, Condeça da Ribeira Grande, dama de Sua Magestade a Rainha e grão cruz da real ordem de Santa Izabel, nasceu a 17 de Agosto de 1785, e foi filha do Exm.° Marquez de Lavradio, mordomo-mor da Rainha, D. Antonio de Almeida Soares Portugal Essa e Alarcão Mascaranhas da Silva, descendente e representante da pessoa do Senhor Rei D. João 2.°, e da Exm.ª Marqueza de Lavradio D. Anna Telles da Silva de Menezes da preclarissima caza de Penalva e por consequencia neta do famoso capitão portuguez D. Duarte de Menezes, descendente de esclarecida linhagem, por isso que em suas veias corria o sangue de muitos heroes portuguezes. Não era nos titulos vãos, ou na grandeza do nome que herdára com o sangue, que a Sr.ª Condeça fazia consistir a sua gloria; conhecedora da historia da sua familia, rica de recordações, rica de exemplos de honra, de amor da patria e de heroismo, Sua Ex.ª tinha na devida conta os altos feitos de seus maiores, suas virtudes tão nobres, tão

excellentes, mas nunca lhe servio o conhecimento da sua elevada posição para menosprezar os que eram menos e que não vinham de tão alta linhagem.

No paço aonde começou a viver desde a edade de 16 annos, na qualidade de dama camarista de S. A. R. a Princeza do Brasil, viuva, soube sempre conservar e fazer respeitar o seu logar, não se esquecendo nunca do cumprimento dos seus deveres como catholica. A virtude da caridade foi aquella em que mais brilhou a Sr.ª Condeça. Desde que foi nomeada dama do paço e que por consequencia começou a ter dinheiro de que dispor, desde logo começou tambem a empregal-o no alivio dos pobres, no soccorro dos desvalidos e desamparados.

No momento em que a familia real portugueza por occasião da aproximação das forças de *Junot* a Lisboa, embarcou para o Brasil, tambem a Sr.ª Condeça acompanhou a Princeza sua ama para aquelle estado, aonde depois de alguns annos veio a cazar com o Conde da Ribeira Grande, D. José Gonçalves Zarco da Camara, descendente do famoso *João Gonçalves Zarco*. No estado de cazada foi a Sr.ª Condeça um perfeito modelo das espozas christãas, idolatrou o marido em quanto vivo, chorou-o com vivo pezar depois de morto. A educação dos seus filhos, a brilhantissima administração que fez á caza de seu filho e a escolha que para elle fez de espoza na Exm.ª Condeça D. Anna de Bragança, filha dos Duques de Lafões, que foi por assim dizer, o chefe de obra da sua optima administração, foram estas as suas occupações principaes durante a sua viuvez. Poude dispor de grandes sommas que empregava no soccorro de tantas familias desvalidas, já dando mezadas regulares a umas, já pagando mensalmente as cazas a muitas, já soccorrendo a todos e não deixando sem alivio todo aquelle que buscava a sua protecção, e patrocinio. Teve a consolação de poder dar azylo e hospedagem no seu palacio a varios religiosos aos quaes a extincção das ordens regulares deixaram sem pão e sem arrimo, e no momento em que tantas egrejas se fecharam fez a Sr.ª Condeça edificar a soberba capella, que faz parte hoje do elegante palacio dos Exm.os Condes da Ribeira, no sitio da Junqueira.

Nascer em tempo adequado ou fóra delle, não depende do homem, tem comtudo na felicidade ou infelicidade humana, muito grande importancia e muito grave. Viveu a Sr.ª Condeça em tempos calamitosos, teve que luctar com grandes difficuldades, e a sua virtude então por experimentada tornou-se mais conhecida, e a sua pessoa cada vez mais respeitada. Por ordem do governo do principe proscripto foi presa a Sr.ª Condeça, sem se lhe dizer porque, para o convento das religiosas de Arroios, e ahi jazeu dois annos incommunicavel. Supportou com resignação heroica o seu cativeiro: a saudade dos filhos cortava-lhe o coração: a falta de noticias dos seus era para ella um dos seus maiores sofrimentos: nunca então nem depois se queixou, nunca lhe ouvimos uma palavra de resentimento contra quem tanto a affligira. O proprio homem, que, sem motivo a fôra denunciar e promover a sua prisão perante o intendente geral da policia desse tempo, a esse mesmo homem que mais tarde tambem veio a soffrer prisão e outros trabalhos, a Sr.ª Condeça procurou valer, e a nós ainda nos lembra o quanto se empenhou na defeza deste homem. Mil outros exemplos de todas as outras virtudes poderiamos aqui citar, pois a vida da Sr.ª Condeça foi um continuo e nunca interrompido exercicio de todas as virtudes christãs. Mas o publico fazia-lhe justiça, e a posteridade ha de recordar com amor a historia de uma vida tão pura. A sua vida, o seu exemplo como filha, como irmã, como espoza, como mãe, como administradora e dona de caza, deveriam servir de norma ás senhoras portuguezas: oxalá que a imitem! A sua memoria no provir será tambem abençoada.

Da excellencia de taes virtudes são testimunhas os contemporaneos em quanto vivem: é diploma a historia depois que morrem.

Procurando nestas poucas linhas dar uma idéa do elevado caracter da Sr.ª Condeça da Ribeira, accreditamos ter feito justiça e um serviço á moral publica neste paiz tão rico de vãs theorias, tão pobre na pratica das grandes acções. Registando factos, nada posemos de nossa caza: procurámos fallar a verdade, e a verdade é que dictou estas linhas, e a verdade é que presidiu á confecção deste artigo: se alguem nos taxar de exagerados appellaremos para a opinião publica, nella temos a nossa defeza, o nosso escudo.

Muito havia que dizer além do que havemos dicto, mas não deixaremos comtudo de fazer menção do seu engenho prompto, vivo e penetrante, da sua percepção tão fóra do ordinario, acompanhada de um grande talento, guiado sempre por um senso recto e por aquella prudencia baseada na religião pura, sã, desafectada. Unia a todas estas qualidades grande rigidez de principios ao mesmo tempo que no trato era afavel, jovial na conversação, para ninguem tinha má palavra, para todos obsequio. Na pratica e frequencia dos Sacramentos foi assidua, na visita dos pobres e desamparados não foi menos constante. A sua preparação para a morte a todos assombrou. Uma molestia longa e dolorosa que gradualmente lhe ía mingoando as forças, não foi para Sua Ex.ª impedimento ou embaraço para determinar com todo o acerto as suas ultimas disposições, para se dispôr com tamanho fervor para a tremenda jornada da eternidade. Foi para nós edificante o seu desengano e desapego das riquezas e carinhos dos seus, e sobre tudo a resignação e paciencia com que suportou os rigores da molestia. Não se pouparam esforços para lhe minorar seus sofrimentos, os carinhos redobraram, os disvellos augmentaram. Nada poupou o habilissimo Dr. Barral para conservar uma vida tão cara aos seus, tão desejada por todos: tudo foi inutil, a morte vinha de mão armada, e por isso baldou todos os empenhos o excesso do mal. A Sr.ª Condeça tendo recebido todos os Sacramentos, abençoando os seus filhos e confortada com a esperança do premio que Deus promette aos que tão bem o servem, entregou a alma ao seu Creador entre as 6 para ás 7 horas do dia 4 de Dezembro de 1849, e voou a habitar a mansão dos justos, dos bemaventurados, e dos santos.

O nosso sentimento durará em quanto vivermos: as nossas lagrimas correram por muito tempo: as relações de parentesco que a esta Senhora tão estreitamente nos ligavam, o conceito que nos merecia, as obrigações que lhe devemos, farão que a sua memo-

ria seja eterna no nosso coração, assim como o nosso sentimento só comnosco acabará. Imitemos as suas virtudes e demos graças a Deus por ter concedido a uma creatura humana tantas graças: consola-nos a esperança que a sua alma está gosando da vizão beatifica angelica e celestial.

Lisboa 6 de Dezembro de 1849.

MARQUEZ DE VALLADA.

RABEQUISTAS DISTINCTOS.

145 Acabam de chegar a esta cidade, dois tocadores de rebeca, um de 12 annos, e outro de 7, na companhia de seu pae, o Sr. Uguccioni, professor de muzica.

Estas duas lindas creanças vem da America, e executam os trechos das mais difficeis musicas de rebeca.

Segunda feira haverá em S. Carlos uma recita em beneficio destas interessantes creanças.

Não é do nosso costume, recommendar beneficios; mas não só não duvidamos, como convidamos o publico a ir gosar de um espectaculo, que se não repetirá.

ROUBO DE EGREJA.

146 Quinta feira, 6 do corrente mez, na egreja de Sancta Isabel, o povo depois de ter assistido ao officio divino, tinha sahido; apenas ficou um homem de uns 26 a 30 annos, bem trajado, defronte do altar do Sr. Jesus da Boa Morte; este individuo, de braços abertos, parecia estar embebido nas suas orações, não dando pela sahida do povo. O sacristão, que vigiava a egreja, vendo-o tão profundamente entregue ás suas orações, não o quiz perturbar fazendo-o sahir, e começou arranjar alguns altares. Eram mais de onze horas e ainda o mesmo individuo estava na mesma postura. O sacristão confiado na devoção daquelle homem entra na sacristia a depositar nella alguns obejectos, que havia substituido por outros nos altares, que tinha estado a arranjar. Apezar da sua demora ser apenas de 3 a 4 minutos, quando tornou á egreja, para continuar o seu mister, notou a falta do individuo, que tão devoto se mostrava, e concebendo algumas suspeitas, dirigiu-se para o altar ante o qual estava ajoelhado o homem de que tratamos, e começou a examinar os objectos do altar. O seu exame não foi longo, porque deu logo pela falta de um rico resplendor, que o Sr. Jesus da Boa Morte tinha sobre a cabeça. O pobre do sacristão afflicto corre á porta para vêr se ainda podia alcançar o roubador. Uns rapazes, que no largo estavam, disseram que, havia poucos minutos, tinham visto sahir da egreja um individuo com os signaes dados pelo sacristão, e indicaram o caminho, que elle tinha seguido. O sacristão fechou logo a egreja, e foi na pista do roubador acompanhado de um soldado da estação da guarda municipal, que se acha á porta da egreja.

A sua diligencia foi coroada de bom resultado; pois que eram apenas passadas duas horas, quando o o roubador foi encontrado em uma tenda junto á Fonte Santa. Foi logo preso, e o roubo descobriu-se-lhe depois em caza sem ter sofrido damnificação alguma. O resplendor roubado era do valor de umas seis moedas.

* *

ROUBO.

147 É quasi sempre e em toda a parte, durante a estação invernosa, que apparece maior numero de roubos. A maior falta de trabalho para a classe trabalhadora da sociedade, a necessidade de maior porção de alimentos para cada individuo, e tambem a maior facilidade em se poderem praticar roubos, concorrem para que elles se multipliquem mais do que na estação calmosa.

Um trabalhador, pae de tres filhos, acha-se ao presente, no Limoeiro, culpado do seguinte roubo. Tendo andado a concertar os telhados de uma pequena taverna, sita aos *Terremotos*, teve occasião de observar o sitio, onde o taverneiro guardava os seus lucros. Em um dos ultimos domingos, sabendo que o dono e a dona da taverna tinham de sahir, dirigiu-se a caza delles, onde se conservou até ao momento da sua partida; quando elles saíram, acompanhou-os ainda por uma meia hora de caminho, e depois despedindo-se delles, volta para traz, chega a taverna, e pelo quintal trepa ao telhado, descobre-o e entra dentro de caza. Começou primeiro por vestir-se com o fato do taverneiro, depois arrombando-lhe a arca, furtou-lhe o dinheiro, e foi enterral-o no quintal, para o levar ao outro dia quando fosse ao trabalho.

No dia seguinte conhecido por algum fato do taverneiro, que ainda trazia vestido, foi preso, confessando o crime, e o logar onde tinha enterrado o dinheiro.

* *

PRAÇA DE LISBOA.

Em 12 de Dezembro.

148 Fundos publicos de 5 por cento, 54½. — Acções do Banco, 445$000 réis. — Desconto de notas, 930 a 950 réis por moeda.

Estado do mercado, em 12 de Dezembro.

Algodão de Pernambuco 115 a 120 rs. — Dito do Maranhão 100 a 110 rs. — Dito da Bahia 105 a 110 rs. — Não houve vendas.

Assucar de Pernambuco B. 1.ª e 2.ª sorte 1$400 a 1$550 rs., 3.ª e 4.ª dita 1$300 a 1$350 rs., 5.ª e 6.ª dita 1$200 a 1$250 rs. — Do Rio dito 1$350 a 1$400 rs. — Da Bahia dito 1$250 a 1$350 rs. — Das Alagôas dito 1$200 a 1$250 rs. — Do Pará, bruto 900 a 1$000 rs. — Mascavado novo 1$050 a 1$100 rs., dicto velho 850 a 1$000 rs. — Limitam-se as vendas ao consumo.

Cacáu 1$700 a 1$750 rs. — Preços nominaes.

Caffé do Rio — 2$200 a 2$500 rs. — Existem no mercado pequenas partidas. Preços nominaes.

Cera de Angola B. 230 a 235 rs. — Dita A. 225 a 226 rs. — Não tem havido vendas.

Marfim de lei 950 a 1$100 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 650 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Urzella 6$400 a 7$000 rs. — Houve vendas de porção para reexportar, ao menor preço cotado.